

Copyright © Editora Estação Liberdade, 2005

Tradução Adalberto Luis Vicente, Ana Luiza Silva
Camarani, José Oscar de Almeida Marques,
Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto
Preparação de texto Adilson J. Miguel e Tania M. Maeta
Composição Johannes C. Bergmann / Estação Liberdade
Capa Estação Liberdade
Assistente Editorial Iriz Medeiros
Editora-adjunta Graziela Costa Pinto
Editor responsável Angel Bojadsen

A presente seleção de textos foi retirada das *Œuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau*, Bibliothèque de la Pléiade, Éditions Gallimard, a quem agradecemos.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R77c

Rousseau, Jean-Jacques, 1712-1778

Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral / Jean-Jacques Rousseau ; organização e apresentação José Oscar de Almeida Marques ; tradução de José Oscar de Almeida Marques... [et al.]. – São Paulo : Estação Liberdade, 2005

240p.

Apêndice: Carta Pastoral de Christophe de Beaumont, Arcebispo de Paris (1762)

Inclui bibliografia

ISBN 85-7448-110-6

1. Rousseau, Jean-Jacques, 1712-1778 – Correspondência. 2. Filósofos – França – Correspondência. 3. Filosofia francesa. 4. Religião – Filosofia. 5. Ética. I. Marques, José Oscar de Almeida. II. Título.

05-3206.

CDD 194

CDU 1(44)

Todos os direitos reservados à

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 01155-030 São Paulo-SP
Tel.: (11) 3661 2881 Fax: (11) 3825 4239
editora@estacaoliberalidade.com.br
www.estacaoliberalidade.com.br

Sumário

Apresentação	9
Cartas a Malesherbes (1762)	17
Carta a Beaumont (1762)	37
Carta de J.-J. Rousseau ao Senhor de Voltaire (1756)	119
Cartas morais (1758)	139
Carta ao Senhor de Franquières (1769)	175
Fragmentos sobre Deus e sobre a Revelação	191
Apêndice: Carta Pastoral de Cristophe de Beaumont Arcebispo de Paris (1762)	217

eu desejaria que a Terra inteira tivesse os olhos sobre vós, desejaria ver todo o mundo informado sobre o que espero das qualidades de vossa alma, a fim de transmitir-vos mais coragem e força para satisfazer essa expectativa aos olhos do público. Sabe-se que nunca esbanjei minha afeição e minha estima, sobretudo em relação às mulheres, por isso será ainda maior a curiosidade de examinar essa que reúne tão perfeitamente uma e outra. Passo-vos o fardo de minha glória, Sophie; justificai, se possível, a honra que recebi das pessoas de bem. Fazei com que se diga um dia ao vos ver e ao recordar-se de minha memória: ah, esse homem amava a virtude e sabia julgar o mérito.

CARTA 2

O objetivo da vida humana é a felicidade, mas quem de nós sabe como atingi-la? Sem um princípio, sem uma meta segura, vagamos de desejo em desejo, e os que conseguimos satisfazer deixam-nos tão longe da felicidade quanto estávamos antes de obter qualquer satisfação. Não temos uma regra invariável nem na razão, à qual faltam sustentáculo, apoio e consistência, nem nas paixões, que sem cessar se sucedem e se destroem mutuamente. Vítimas da cega inconstância de nossos corações, o gozo dos bens desejados só abre caminho para penas e privações; tudo o que possuímos só serve para nos mostrar o que nos falta, e, por não saber como se deve viver, morremos todos sem ter vivido. O único meio de ficarmos livres dessa dúvida terrível é estendê-la por um tempo além de seus limites naturais, desconfiar de todas as nossas inclinações, estudar a nós mesmos, levar ao fundo de nossa alma a chama da verdade, examinar por uma vez tudo o que pensamos, tudo em que acreditamos, tudo o que sentimos, e tudo o que devemos pensar, sentir e acreditar para sermos felizes tanto quanto o permite a condição humana. Eis aí, minha encantadora amiga, o exame que hoje vos proponho.

Mas que vamos fazer, Sophie, senão aquilo que mil vezes já se fez? Todos os livros nos falam do bem soberano, todos os filósofos no-lo mostram, cada qual ensina aos outros a arte de ser feliz, ninguém a descobriu por si mesmo. Nesse imenso labirinto dos raciocínios

humanos, aprendereis a falar da felicidade sem a conhecer, aprendereis a discursar e não a viver, e vos perdereis nas sutilezas metafísicas. As perplexidades da filosofia vos assediarão de todos os lados, em toda parte deparareis com dúvidas e objeções, e, de tanto instruir-vos, acabareis por nada saber. Esse método exercita a falar de tudo, a brilhar em um círculo social; produz sábios, belos espíritos, oradores, debatedores, pessoas felizes na opinião de quem as escuta, e infortunadas tão logo se acham sós. Não, minha cara jovem, o estudo que vos proponho não produz um saber ornamental para desfilhar aos olhos dos outros, mas enche a alma de tudo o que faz a felicidade do homem; ele satisfaz, não os outros, mas a nós mesmos, e, em vez de palavras em nossa boca, põe sentimentos em nosso coração. Ao dedicarmos-nos a ele, damos mais confiança à voz da natureza que à da razão e, sem falarmos da sabedoria e da felicidade com tanta veemência, tornamo-nos sábios por dentro e felizes por nós mesmos. Essa é a filosofia na qual quero instruir-vos, é no silêncio de vosso gabinete que quero conversar convosco. Se sentirdes que tenho razão, pouco me interessará prová-lo; não vos ensinarei a resolver objeções, mas esforçar-me-ei para que não tenhais nenhuma a fazer-me; confio mais em vossa boa-fé que em meus argumentos, e, sem me embaraçar com as regras da escolástica, chamarei apenas vosso coração em testemunho de tudo o que tenho a vos dizer.

Olhai este universo, querida amiga, correi os olhos sobre este teatro de enganos e misérias que nos faz, ao contemplá-lo, deplorar o triste destino do homem. Vivemos no clima e no século da filosofia e da razão. As luzes de todas as ciências parecem reunir-se simultaneamente para iluminar nossos olhos e guiar-nos nesse obscuro labirinto da vida humana. Os mais belos gênios de todas as épocas reúnem suas lições para nos instruir, imensas bibliotecas são abertas ao público, multidões de colégios e universidades oferecem-nos desde a infância a experiência e a meditação de quatro mil anos. A imortalidade, a glória, a própria riqueza e freqüentemente as honras são o prêmio dos mais dignos na arte de instruir e esclarecer os homens. Tudo concorre para aperfeiçoar nosso entendimento e para prodigalizar a cada um de nós tudo o que pode formar e cultivar a razão. Mas tornamo-nos, por isso, melhores ou mais sábios, conhecemos melhor qual é o trajeto e qual será o término

de nossa curta carreira, chegamos a um maior acordo sobre os deveres primordiais e sobre os verdadeiros bens da espécie humana? Que obtivemos com todo esse fútil saber senão querelas, ódios, incertezas e dúvidas? Cada seita é a única a ter encontrado a verdade. Cada livro contém, apenas ele, os preceitos da sabedoria; cada autor é o único que nos ensina o que é bom. Um nos prova que não existem corpos, outro nos prova que não existem almas, outro que a alma não tem nenhuma relação com o corpo, outro que o homem é um animal, outro ainda que Deus é um espelho.² Não há nenhuma máxima, por mais absurda, que não tenha sido proposta por algum autor de reputação; nenhum axioma, por mais evidente, que não tenha sido combatido por algum deles; tudo está bem desde que seja dito de forma diferente da dos outros, e sempre se encontram razões para sustentar o que é novo de preferência ao que é verdadeiro.

Que admirem quanto quiserem a perfeição das artes, o número e a grandeza de suas descobertas, a extensão e a sublimidade do gênio humano; deveríamos felicitá-los por conhecerem toda a natureza, exceto a si mesmos, e por terem descoberto todas as artes, exceto a de serem felizes? Mas somos felizes, exclamam eles tristemente: quantos recursos para o bem-estar, que multidão de comodidades desconhecidas de nossos pais, quantos prazeres gozamos que eles ignoravam. É verdade: vós tendes a indolência mas eles tinham a felicidade, vós sois racionadores, eles eram razoáveis, vós sois polidos, eles eram humanos, todos os vossos prazeres estão fora de vós, os deles estavam neles mesmos. E quanto não custam essas voluptuosidades cruéis que um pequeno número adquire às custas da multidão? O luxo das cidades leva ao campo a miséria, a fome, o desespero; se alguns homens são mais felizes, o gênero humano é apenas mais digno de lástima. Ao multiplicar as comodidades da vida para alguns ricos, nada mais se faz além de forçar a maior parte dos homens a se considerar miserável. Que felicidade bárbara é essa que só se sente às custas dos outros? Almas sensíveis, dizei-me, o que é uma felicidade que se compra com dinheiro?

2. As referências seriam aqui respectivamente a Berkeley, Hobbes e aos materialistas, Malebranche, Malpertuis, Leibniz.

Dizem-nos ainda: os conhecimentos tornam os homens mais brandos, nosso século é menos cruel, derramamos menos sangue. Ah, infelizes! Fazeis porventura derramar menos lágrimas? E quanto aos infelizes que se faz morrer de inanição durante toda uma vida, não prefeririam eles perdê-la de uma só vez sobre o cadafalso? Por serem mais brandos sois vós menos injustos, menos vingativos? É a virtude menos oprimida, o poder menos tirânico, o povo menos abatido? Vêem-se menos crimes, são os malfeitores mais raros, estão as prisões menos cheias? Que ganhastes, então, ao vos abrandar? Aos vícios que trazem a marca da coragem e do vigor substituístes aqueles próprios das pequenas almas. Vossa brandura é baixa e pusilânime, vós atormentais de forma oculta e protegida aqueles contra quem antes teríeis usado a força abertamente. Se sois menos sanguinários, isso não é virtude mas fraqueza; não é em vós senão um vício a mais.

A arte de raciocinar não é absolutamente o mesmo que a razão: freqüentemente é o seu abuso. A razão é a faculdade de ordenar todas as faculdades de nossa alma de forma adequada à natureza das coisas e a suas relações conosco. O raciocínio é a arte de comparar as verdades conhecidas para compor a partir delas outras verdades as quais ignorávamos e que essa arte nos faz descobrir. Mas ele não nos ensina de modo algum a conhecer as verdades primitivas que servem de elementos às outras, e quando em seu lugar colocamos nossas opiniões, nossas paixões, nossos preconceitos, longe de nos esclarecer, ele nos torna cegos, não edifica a alma, mas exaspera e corrompe o julgamento que deveria aperfeiçoar.

Na cadeia de raciocínios que servem para formar um sistema, a mesma proposição reaparecerá uma centena de vezes com diferenças quase imperceptíveis que escaparão ao espírito do filósofo. Essas diferenças tantas vezes multiplicadas modificarão, enfim, a proposição a ponto de torná-la completamente diferente sem que ele se aperceba; ele dirá de uma coisa aquilo que acreditará estar provando de uma outra, e suas conclusões serão outros tantos erros. Esse inconveniente é inseparável do espírito sistemático, o único que conduz aos grandes princípios e consiste em generalizar sempre. Os inventores generalizam tanto quanto lhes é possível; esse método estende as descobertas, dá um ar de genialidade e de força aos que o praticam, e como a natureza

sempre age por meio de leis gerais, eles acreditam, ao estabelecerem eles próprios seus princípios gerais, ter penetrado seus segredos. À força de estender e abstrair um pequeno fato, ele se transforma em uma regra universal; acredita-se ter remontado aos princípios, quer-se reunir em um único objeto mais idéias do que o entendimento humano é capaz de comparar, e afirma-se de uma infinidade de seres aquilo que muitas vezes é verdadeiro apenas para um deles. Os observadores, menos brilhantes e mais frios, vêm a seguir acrescentando incessantemente uma exceção após outra, até que a proposição geral se torne tão particular que nada mais pode ser inferido dela, e as distinções e a experiência a reduzem ao fato singular do qual foi extraída. É assim que os sistemas se estabelecem e se destroem, sem dissuadir os novos raciocinadores de erguerem sobre suas ruínas outros que não durarão muito mais tempo.

Assim, ao se extraviarem todos por diversos caminhos, cada qual acredita ter chegado ao verdadeiro objetivo, porque ninguém percebe o rastro de todas as voltas que efetuou. Que fará, então, aquele que busca sinceramente a verdade entre essas multidões de sábios, que pretendem, todos, tê-la encontrado e se desmentem uns aos outros? Deve ele pesar todos os sistemas? Folhear todos os livros, escutar a todos os filósofos, comparar todas as seitas? Ousará ele decidir entre Epicuro e Zenão, entre Aristipo e Diógenes, entre Locke e Shaftesbury? Ousará preferir as próprias luzes às de Pascal, e a própria razão à de Descartes? Ouvi discorrer na Pérsia um mulá, na China um bonzo, na Tartária um lama, um brâmane na Índia, na Inglaterra um quacre, na Holanda um rabino, e ficareis espantada com o poder de persuasão que cada um deles sabe transmitir à sua absurda doutrina. Quantas pessoas tão sensatas quanto vós cada um deles já não convenceu? Se vos derdes ao trabalho de escutá-los, se rirdes de seus vãos argumentos, se vos recusardes a crê-los, não é a razão que resiste em vós aos preconceitos deles, são os vossos preconceitos.

A vida se escoaria dez vezes antes que se tivesse discutido a fundo uma só dessas opiniões. Um burguês de Paris zomba das objeções de Calvino que assustam um doutor da Sorbonne. Quanto mais nos aprofundamos, mais encontramos material para dúvidas, e, quer se oponha razões a razões, autoridades a autoridades, opiniões a opiniões, quanto

mais avançamos mais encontramos pontos questionáveis; quanto mais nos instruímos, menos sabemos, e ficamos muito espantados ao ver que, em vez de aprender o que ignorávamos, perdemos até a ciência que acreditávamos possuir.

CARTA 3

Não sabemos nada, minha querida Sophie, não vemos nada, somos um bando de cegos lançados ao léu neste vasto universo. Cada um de nós, sem perceber nenhum objeto, faz de todos uma imagem fantástica, que toma a seguir como a regra do verdadeiro. E como essa idéia não se assemelha à de ninguém mais, na espantosa multidão de filósofos, cuja tagarelice nos atordoia, não há dois que concordem quanto ao sistema desse universo que todos pretendem conhecer, nem sobre a natureza das coisas que todos cuidam de explicar.

Por infelicidade, aquilo que menos conhecemos é justamente o que mais nos importaria conhecer, a saber, o próprio homem. Não vemos nem a alma de outrem, porque ela se esconde, nem a nossa própria, pois não temos nenhum espelho intelectual. Somos inteiramente cegos, mas cegos de nascença que nem sequer imaginam o que é a visão; e por não acreditar que nos falte alguma faculdade, queremos medir as extremidades do mundo, embora nossas curtas luzes não cheguem, como nossas mãos, senão a dois pés de nós.

Se aprofundarmos essa imagem, veremos talvez que ela não é menos correta no sentido próprio que no figurado. Os sentidos são os instrumentos de todos os nossos conhecimentos. É deles que nos vêm todas as idéias, ou, pelo menos, todas são por eles ocasionadas. O entendimento humano, restrito e confinado em seu envoltório, não pode, por assim dizer, atravessar o corpo que o comprime, e só age por meio das sensações. São, se se quiser cinco janelas pelas quais nossa alma pretenderia receber a luz, mas as janelas são pequenas, os vidros, embaçados, as paredes, grossas, e a casa, muito mal iluminada. Nossos sentidos nos são dados para nos conservar, não para nos instruir, para nos informar

sobre o que nos é útil ou prejudicial, e não sobre o que é verdadeiro ou falso; sua finalidade não é em absoluto a de serem empregados na investigação da natureza; quando lhes damos esse uso mostram-se insuficientes, enganam-nos, e nunca poderemos estar certos de chegar por meio deles à verdade. –

Os erros de um sentido se corrigem por um outro; se tivéssemos apenas um deles, ele nos enganaria para sempre. Dispomos, portanto, apenas de regras falíveis que se corrigem mutuamente. Se duas regras errôneas vierem a concordar entre si, elas nos enganarão por esse próprio acordo, e se nos falta uma terceira, que meio nos restaria para descobrir o erro?

A vista e o tato são os dois sentidos que mais nos servem para a investigação da verdade, pois nos apresentam os objetos mais integralmente e em um estado de permanência mais próprio à observação do que quando esses mesmos objetos são apreendidos pelos três sentidos restantes. Os dois primeiros também parecem repartir entre si todo o espírito filosófico. A vista, que de um golpe de olhos mede todo o hemisfério, representa a vasta capacidade do gênio sistemático. O tato, lento e progressivo, que se assegura de um objeto antes de passar a um outro, assemelha-se ao espírito de observação. Um e outro têm igualmente os defeitos das faculdades que representam. Quanto mais o olho se fixa nos objetos distantes, mais se sujeita às ilusões de óptica, e a mão, sempre tocando alguma parte, é incapaz de abarcar uma grande totalidade.

É certo que a vista é, de todos os nossos sentidos, aquele de que recebemos ao mesmo tempo a maior quantidade de informações e a maior quantidade de erros; é por meio dela que julgamos quase toda a natureza e é ela que nos sugere quase todos os nossos juízos errôneos. Ouvistes certamente falar da famosa operação do cego de nascença: tendo recebido a visão, não de um santo mas de um cirurgião, foi-lhe preciso muito tempo para aprender a servir-se dela.³ Segundo ele, tudo o que via estava dentro de seu olho; ao observar corpos desiguais afastados, não tinha a menor idéia nem dos tamanhos nem das distâncias, e mesmo quando começou a discernir os objetos ainda não conseguia

distinguir entre um retrato e o original. Quanto à questão de se ele via os objetos invertidos, os pesquisadores esqueceram-se de verificá-la.

Apesar de toda a experiência adquirida, não há nenhum homem que não esteja sujeito a formular, com base na visão, falsos juízos sobre objetos que estão afastados e a avaliar erroneamente as medidas dos que estão sob seus olhos; e o mais espantoso é que esses erros nem sempre são explicáveis pelas regras da perspectiva.

Mas se a vista nos engana tão freqüentemente e só o tato a corrige, o próprio tato nos engana em milhares de ocasiões. Quem nos garante que ele não nos engana sempre, e que não precisaríamos de um sexto sentido para corrigi-lo? A experiência da bolinha rolada entre dois dedos cruzados mostra que não somos menos escravos do hábito em nossos julgamentos que em nossas inclinações. O tato, que se orgulha de julgar tão bem as formas, não julga com exatidão nenhuma, e jamais nos informará se uma linha é reta, se uma superfície é plana, se um cubo é regular; tampouco é melhor seu julgamento dos graus de calor: a mesma gruta nos parece fresca no verão e quente no inverno, sem que sua temperatura tenha se modificado. Exponde a mão direita ao ar, a esquerda a uma grande fogueira, depois mergulhai-as ao mesmo tempo em água morna: essa água parecerá quente à mão direita e fria à esquerda. Todos raciocinam sobre o peso, mas ninguém sente seu efeito mais geral que é a pressão do ar; quase não sentimos esse fluido que nos envolve, e acreditamos sustentar apenas o peso de nosso corpo quando na verdade carregamos o peso de toda a atmosfera. Se quiserdes experimentar um leve indício disso, estando ao banho, retirai lentamente o braço para fora da água em posição horizontal, e à medida que o ar pressiona o braço sentireis fatigar vossos músculos por essa pressão terrível, da qual não teríeis talvez jamais suspeitado.⁴ Mil outras observações semelhantes nos ensinariam de quantas maneiras o mais seguro dos sentidos nos logra, seja dissimulando ou alterando efeitos que existem, seja supondo outros que não existem. Pouco adianta reunir a vista e o tato para julgar a extensão, que está no

3. A operação foi realizada por William Cheselden em 1728. Ela é discutida por Berkeley, entre outros, em sua *Theory of Vision Vindicated* (1738).

4. Rousseau recapitula aqui os clássicos argumentos contra a veracidade dos sentidos conhecidos desde a Antiguidade. Suas afirmações sobre a pressão atmosférica são, contudo, confusas e incorretas. O que importa, entretanto, é o ponto conceitual estabelecido.

âmbito dos dois sentidos: não sabemos nem mesmo o que são o grande e o pequeno. O tamanho aparente dos objetos é relativo à estatura de quem os mede. O cascalho que um ácaro encontra em seu caminho parece-lhe ter a massa dos Alpes. Um pé para nós é uma toesa aos olhos do pigmeu e uma polegada aos do gigante. Se assim não fosse, nossos sentidos seriam desproporcionais às nossas necessidades e não poderíamos subsistir. Em relação a todos os nossos sentidos, sempre tomamos a nós mesmos como medida de todas as coisas. Onde está, então, a grandeza absoluta? Quem se engana, todos ou ninguém? Não é preciso dizer mais para fazer-vos entrever até que ponto se poderia levar as conseqüências destas reflexões. Toda a Geometria funda-se apenas na visão e no tato, e esses dois sentidos têm talvez a necessidade de serem corrigidos por outros que nos faltam; assim, aquilo que de mais bem demonstrado existe para nós é ainda suspeito, e não podemos saber se os *Elementos* de Euclides não são um emaranhado de erros.

Não é tanto o raciocínio que nos falta, mas um ponto de apoio para o raciocínio. O espírito do homem está em condições de fazer muita coisa, mas os sentidos lhe fornecem pouco material, e nossa alma, ativa nos liames que a prendem, prefere antes exercer-se sobre as quimeras que estão a seu alcance do que permanecer imóvel e ociosa. Não nos espantemos, portanto, ao ver a orgulhosa e vã filosofia perder-se em seus devaneios, e os mais belos gênios se consumirem em puerilidades. Com qual desconfiança devemos entregar-nos a nossas fracas luzes quando vemos o mais metódico dos filósofos, aquele que melhor estabeleceu seus princípios e mais conseqüentemente raciocinou, perder-se desde os primeiros passos e afundar-se de erro em erro em sistemas absurdos. Descartes, querendo cortar de um só golpe a raiz de todos os preconceitos, começou por colocar tudo em dúvida, submeter tudo ao exame da razão. Partindo desse princípio único e incontestável: *penso, logo existo*, e avançando com as maiores precauções, acreditou que se dirigia à verdade, mas não encontrou senão mentiras. Com base nesse primeiro princípio, ele começou por examinar-se; depois, tendo encontrado em si propriedades muito distintas e que pareciam pertencer a duas diferentes substâncias, dedicou-se inicialmente a bem conhecê-las, e, deixando de lado tudo o que não estava claro e necessariamente contido

na idéia dessas substâncias, definiu uma como a substância extensa e a outra como a substância que pensa. Essas definições são sábias à medida que deixam, de certo modo, indecisa a obscura questão das duas substâncias, e porque delas não se seguia absolutamente que a extensão e o pensamento não pudessem se unir e penetrar em uma mesma substância. Ora, essas definições aparentemente incontestáveis foram destruídas em menos de uma geração. Newton fez ver que a essência da matéria não consiste absolutamente na extensão; Locke mostrou que a essência da alma não consiste absolutamente no pensamento. Adeus a toda a filosofia do sábio e metódico Descartes. Serão seus sucessores mais felizes, seus sistemas durarão mais? Não, Sophie, eles começam a oscilar, tombarão igualmente, são obras de homens.

Por que não podemos saber o que são o espírito e a matéria? Porque nada sabemos a não ser por nossos sentidos, e eles são insuficientes para no-lo ensinar. Tão logo pretendemos estender nossas faculdades, sentimos todas elas estrangidas por nossos órgãos; a própria razão, submetida aos sentidos, está, assim como eles, em contradição consigo mesma; a geometria está cheia de teoremas demonstrados que são impossíveis de se conceber. Em filosofia, substância, alma, corpo, eternidade, movimento, liberdade, necessidade, contingência, etc. são palavras que se é forçado a empregar a todo instante sem que ninguém jamais tenha conseguido entendê-las. A simples física não nos é menos obscura que a metafísica e a moral: o grande Newton, o intérprete do universo, nem mesmo suspeitava da existência dos prodígios da eletricidade, que parece ser o princípio mais ativo da natureza. E dentre as operações da natureza, a mais comum e mais fácil de observar, que é a multiplicação dos vegetais por suas sementes, não é ainda conhecida, e a cada dia descobre-se nesse campo fatos novos que abalam todos os raciocínios. O Plínio de nosso século⁵, querendo explicar o mistério da geração, viu-se forçado a recorrer a um princípio ininteligível e irreconciliável com as leis conhecidas da mecânica e do movimento; por mais que tentemos explicar tudo, em toda parte encontramos dificuldades inexplicáveis que nos mostram que não temos nenhuma idéia segura de nada.

5. George Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788), autor da imensa e muito influente *Histoire naturelle générale et particulière*, em 36 volumes (1749-1804).

Pudestes ver na estátua de Condillac⁶ quais graus de conhecimento pertenceriam a cada sentido, se nos fossem dados separadamente, e os raciocínios bizarros que fariam sobre a natureza das coisas os seres dotados de menos órgãos que nós. Em vossa opinião, que diriam de nós, por sua vez, seres dotados de outros sentidos desconhecidos? Como provar que tais sentidos não podem existir e que não iluminariam as trevas que os nossos não podem dissipar? Não há nada estabelecido sobre o número de sentidos necessários para dar sentimento e vida a um ser corporal e organizado. Consideremos os animais: muitos têm menos sentidos que nós, por que outros não teriam mais? Por que não teriam eles alguns que desconheceremos para sempre, à medida que não apresentam nada pelo qual os nossos pudessem apreendê-los, e pelos quais se explicaria o que nos parece inexplicável em muitas ações dos animais? Os peixes não ouvem, nem os pássaros nem os peixes têm olfato, nem os caracóis nem os vermes têm olhos, e o tato parece ser o único sentido da ostra, mas quantos animais não mostram precauções, providências e estratagemas impensáveis, que seria melhor talvez atribuir a algum órgão estranho ao homem que ao instinto, essa palavra ininteligível? Que orgulho pueril regular as faculdades de todos os seres pelas nossas, quando tudo desmente a nossos próprios olhos esse ridículo preconceito. Como nos assegurar de que não somos, dentre todos os seres racionais que os mundos podem conter, os menos favorecidos pela natureza, os menos providos de órgãos próprios ao conhecimento da verdade, e de que não é a essa insuficiência que devemos a incompreensão que nos detém a todo instante frente a mil verdades demonstradas?

Com tão poucos meios para observar a matéria e os seres sensíveis, como podemos esperar sermos capazes de julgar sobre a alma e os seres espirituais? Suponhamos que estes existam realmente, se ignoramos o que é um corpo, como saberemos o que é um espírito? Vemo-nos rodeados de corpos sem almas, mas quem de nós alguma vez percebeu uma alma sem corpo ou pode ter a mínima idéia de uma substância puramente espiritual? Que podemos dizer da alma, da qual não conhecemos nada exceto o que atua pelos sentidos? Como sabemos que

ela não tem uma infinidade de outras faculdades que apenas aguardam, para se desenvolver, uma organização conveniente ou o retorno da liberdade? Chegam nossas luzes até nós de fora para dentro pelos sentidos, como pensam os materialistas, ou escapam de dentro para fora, como pretendia Platão? Se a luz entra na casa pelas janelas, então os sentidos são a sede do entendimento. Ao contrário, se a casa está interiormente iluminada, ainda que fechásseis tudo a luz não cessaria de existir, embora retida; mas quanto mais janelas abrides mais sairá a claridade e mais fácil vos será distinguir os objetos circundantes. É portanto uma questão bem pueril perguntar como uma alma pode ver, ouvir e tocar, sem mãos, sem olhos e sem orelhas; seria o mesmo que um coxo perguntar como é possível andar sem muletas. Muito mais filosófico seria perguntar como, dispondo de mãos, olhos e orelhas, uma alma pode ver, ouvir e tocar; pois a maneira pela qual a alma e o corpo agem um sobre outro sempre foi o desespero da metafísica, e atribuir sensações à pura matéria é ainda mais embaraçoso.

Quem sabe se não há espíritos de diferentes graus de perfeições, cada um tendo recebido da natureza corpos organizados segundo as faculdades de que são suscetíveis, desde a ostra até nós sobre a Terra, e, para além de nós, talvez, até as espécies mais sublimes nos diversos mundos? Quem sabe se o que distingue o homem do animal não é simplesmente o fato de que a alma deste tem apenas tantas faculdades quantas são as sensações de seu corpo, ao passo que a alma humana, comprimida em um corpo que constrange a maior parte de suas faculdades, quer a todo instante forçar sua prisão, e acrescenta uma audácia quase divina à fraqueza da humanidade? Não é assim que os grandes gênios, espanto e honra de sua espécie, franqueiam de algum modo as barreiras dos sentidos, lançam-se às regiões celestes e intelectuais, e elevam-se tanto acima do homem vulgar quanto a natureza eleva este último acima dos animais? Por que não imaginariamos o vasto seio do universo pleno de uma infinidade de espíritos de mil ordens diferentes, eternos admiradores do jogo da natureza e espectadores inevitáveis das ações dos homens? Ó minha Sophie! Como é doce pensar que eles assistiam algumas vezes às nossas mais encantadoras conversas, e que um murmúrio de aplauso se elevava entre essas puras inteligências ao ver dois ternos e honestos amigos fazerem sacrifícios à virtude na confiança de seus corações.

6. *Traité des sensations*, 1754.

Admito que essas não sejam senão conjeturas sem probabilidade, mas basta-me que não se possa refutá-las para deduzir delas as dúvidas que quero estabelecer. Onde estamos? Que vemos, que sabemos, o que existe? Corremos apenas atrás de sombras que nos escapam. Alguns espectros ligeiros, alguns fantasmas vazios esvoaçam diante de nossos olhos e cremos ver a eterna cadeia dos seres. Não conhecemos nenhuma substância no universo, não estamos nem mesmo seguros de ver sua superfície, e queremos sondar o abismo da natureza! Deixemos esse trabalho tão pueril às crianças chamadas filósofos. Após ter percorrido o círculo estreito de sua fútil sabedoria, é preciso terminar onde Descartes começara. *Penso, logo existo*. Eis tudo o que sabemos.

CARTA 4

Quanto mais o homem se observa, mais ele se vê pequeno. Mas a lente que diminui é feita apenas para bons olhos. Não é um estranho orgulho, minha querida Sophie, esse que se obtém ao sentir toda a própria miséria? E isso, no entanto, é tudo o que se pode obter da sã filosofia. Por mim, prefiro perdoar cem vezes ao falso sábio que se vangloria de seu suposto saber que ao sábio verdadeiro orgulhoso de sua ignorância. Se um tolo se alça como um semideus, sua loucura é ao menos conseqüente; mas crer-se um inseto e rastejar altivamente pelo solo é, a meu ver, o cúmulo do absurdo. Qual é, então, a primeira lição da sabedoria, Sophie? A humildade! A humildade da qual o cristão fala e que o homem conhece tão pouco é o primeiro sentimento que o estudo de nós mesmos deve fazer nascer em nós. Sejamos humildes quanto à nossa espécie para podermos nos orgulhar de nosso indivíduo. Não digamos jamais, em nossa tola vaidade, que o homem é o rei do mundo, que o Sol, os astros, o firmamento, o ar, a terra, o mar foram feitos para ele, que os vegetais germinam para sua subsistência, que os animais existem para que ele os devore. Com essa forma de raciocinar, essa voraz sede de felicidade, de excelência e de perfeição, por que cada um não acreditaria que o restante do gênero humano fora criado para servi-lo e não se consideraria pessoalmente o único objetivo de todas

as obras da natureza? Se tantos seres são úteis à nossa conservação, estamos seguros de sermos menos úteis à deles? Que prova isso senão nossa fraqueza, e como podemos conhecer melhor o destino deles que o nosso? Se estivéssemos privados da visão, como poderíamos descobrir que existem pássaros, peixes, e insetos quase imperceptíveis ao tato? Muitos desses insetos, por sua vez, parecem não ter nenhuma idéia de nós. Por que então não existiriam outras espécies mais excelentes, das quais jamais nos aperceberemos por falta de sentidos apropriados para descobri-las, e para as quais somos talvez tão desprezíveis quanto as minhocas a nossos olhos? Mas basta despojar o homem envaidecido dos dons que não possui; restam-lhe muitos outros para alimentar uma altivez mais digna e mais legítima. Se a razão o esmaga e avilta, o sentimento interior o eleva e dignifica; a homenagem involuntária que o mau presta secretamente ao justo é o verdadeiro título de nobreza que a natureza gravou no coração do homem.

Não sentistes alguma vez a secreta inquietude que nos atormenta à vista de nossa miséria e que se indigna com nossas fraquezas como um ultraje às faculdades que nos elevam? Já não experimentastes esses transportes involuntários que algumas vezes se apoderam de uma alma sensível à contemplação da beleza moral e da ordem intelectual das coisas, esse ardor insaciável que vem subitamente inflamar o coração com o amor das virtudes celestiais, esses sublimes desvarios que nos elevam acima de nosso ser e nos transportam ao empíreo, ao lado do próprio Deus? Ah, se esse fogo sagrado pudesse durar, se esse nobre delírio animasse nossa vida inteira, que ações heróicas amedrontariam nossa coragem, que vícios ousariam aproximar-se de nós, que vitórias não obteríamos sobre nós mesmos, e que haveria de tão grande que não pudéssemos obter por nossos esforços? Minha digna amiga, o princípio dessa força está em nós, ela se mostra por um momento para nos estimular a buscá-la sem cessar; esse sagrado entusiasmo é a energia de nossas faculdades que se desembaraçam de seus liames terrestres, e talvez caiba apenas a nós mantê-la permanentemente nesse estado de liberdade. Seja como for, ouvimos, ao menos em nós mesmos, uma voz que nos proíbe de nos desprezarmos; a razão rasteja mas a alma se eleva; se somos pequenos por nossas luzes, somos grandes por nossos sentimentos; e seja qual for nossa posição no sistema do universo, um